

A TV, A ESCOLA E OS JOVENS: PERSPECTIVAS SOBRE A SUA RELAÇÃO

Rui Lopes Pinheiro

Instituto de Educação | Universidade do Minho

rlpbraga@gmail.com

Bento Duarte Silva

Instituto de Educação | Universidade do Minho

bento@ie.uminho.pt

Resumo

A televisão é, nos dias de hoje, um dos mais eficientes instrumentos comunicativos de sempre. Fonte de lazer e divertimento, consegue ser simultaneamente um meio de divulgação do conhecimento, capaz de ensinar e divulgar informação que, de outra forma pareceria inacessível.

Esta comunicação assume-se como o resultado de uma investigação¹ acerca do poder da televisão e da relação deste *media* com as crianças, os pais e a escola, onde para além de se analisar a forma como a TV influencia as actividades realizadas no dia-a-dia pelas crianças e jovens, se apresentam, através do resultado da aplicação de inquéritos em meio escolar, as perspectivas dos mais novos face à programação (educativa) exibida pela televisão

Palavras-chave: Televisão Educativa. Escola. Educação para os *Media*.

1. Introdução

Um dos motivos que faz com que a televisão seja o principal tema desta comunicação assenta no facto de a TV ser um dos meios de comunicação mais importantes de sempre. Para além da internet, a televisão está presente em todas as nossas rotinas e em quase todos os espaços sociais, sendo, não só uma forma de lazer, mas também uma fonte informativa de tudo o que ocorre no mundo (Fischer, 2005).

Por se tratar de um tema relativamente complexo, dividiu-se esta comunicação em seis partes, de forma a tornar mais fácil a leitura. Assim, a primeira parte introduz a temática a abordar, dando a conhecer as principais linhas de orientação deste estudo. O segundo capítulo, não só faz uma abordagem sobre a problemática da influência da TV no desenvolvimento e nas

¹ Pinheiro, Rui (2010). *A televisão e os adolescentes: preferências e expectativas face à programação televisiva*. (dissertação de mestrado em Ciências da Educação, especialidade de Tecnologia Educativa). Braga: Universidade do Minho.

aprendizagens das crianças, como tenta definir o conceito de televisão educativa. Ainda nesta parte, é abordado o tema da dicotomia Escola VS Televisão e da necessidade de os professores, pais e educadores educarem para os *media*.

Na terceira parte é apresentada a metodologia utilizada ao longo da investigação e no ponto quatro são apresentados os resultados, com base na resposta às principais questões de partida deste estudo. A comunicação termina com uma apresentação das principais conclusões obtidas, bem como com a listagem da bibliografia utilizada no desenvolvimento desta comunicação.

2. A televisão, as crianças e o seu desenvolvimento

2.1. Ver televisão: quais serão as consequências?

De entre os vários meios de comunicação, a televisão foi ganhando destaque pela sua ampla capacidade de atingir as diversas classes sociais, disseminando produtos e informações até todos os sujeitos sociais, independentemente da sua faixa etária. São vários os estudos que se têm debruçado sobre as consequências da televisão no quotidiano das crianças, mas se uns autores defendem a promoção deste meio audiovisual, outros chamam a atenção para o seu carácter mal-intencionado e prejudicial.

É sabido que a sociedade de hoje assenta numa sociedade de consumo e a TV tem servido como uma excelente estratégia de marketing de vários produtos/ideias, aliás, alguns autores referem que é neste contexto que, desde a sua infância, as crianças aparecem e vão crescendo como consumidoras em potencial devido às suas características de compradoras imediatas, contribuindo a televisão para a (de)formação dos sujeitos (Pacheco, 1991).

Mas porque é que a televisão tem tanto sucesso na publicidade?

Acima de tudo, “porque tem uma capacidade de articulação e de combinação de linguagens – imagens, falas, música, escrita – com uma narrativa fluida, permitindo-lhe um alto grau de entropia, de flexibilidade (...)” (Moran, 2010:97).

No entanto, existem autores que sustentam ideias contrárias, defendendo que a TV amplia as possibilidades imaginárias das crianças (Adorno e Horkheimer, 1985), sendo “por meio da magia da televisão, desse fantástico, que a criança elabora suas perdas, materializa seus desejos (...), anima, muda de tamanho e se liberta da gravidade, ficando invisível e assim comandando o universo” (Pacheco, 1991.)

2.2. TV educativa: o concepto

Ao efectuarmos uma análise bibliográfica acerca deste conceito, uma das conclusões que podemos tirar, desde logo, é uma enorme dificuldade na sua definição. Essa dificuldade deve-se, em primeiro lugar, ao facto de não existir uma definição ímpar e coerente capaz de o descrever e, em segundo lugar, por não haver nenhuma lei em Portugal que determine o que é um programa educativo nem que obrigue e regule a inclusão deste tipo de programação nas grelhas das emissoras (Carneiro, 2008).

A verdade é que as produtoras de televisão têm fechado as portas aos programas pedagógico-didáticos, e mesmo que, por vezes, se observe a intenção de integrar a educação no meio televisivo, a tendência é categorizar o educativo como “o género inferior”. Para alguns autores, como Carneiro (2008), “produzir TV diferente para uso diferenciado, pedagógico, embora seja possível do ponto de vista tecnológico, é uma proposta equivocada (...) acreditando que educar pressupõe uma íntima relação do ser humano com sua realidade”.

Mas se analisarmos algumas obras que sustentam a ideia da existência de programação educativa, podemos observar que o conceito recai quase sempre sobre programas que são produzidos em função de uma “intencionalidade educativa” (Carneiro, 2008). Esta é uma definição que se baseia nos princípios da televisão educativa (visível nos anos 50), que dizia respeito a toda forma de veiculação, via TV, de programas que objectivavam o ensino de algo.

Em 1963, o Serviço Fixo de Televisão Educativa declarou que a finalidade primordial da televisão educativa era transmitir matéria educativa visual e sonora a determinados locais receptores, em escolas, universidades e outros centros de educação formal (Burke, 1974). Esta definição, embora apresentasse várias “limitações”, assumiu-se como o embrião para o surgimento do actual conceito de “televisão educativa”, pois descolou as emissoras dedicadas à educação das emissoras que tinham finalidades comerciais.

Para Leal Filho (1997) a rádio e a televisão são veículos da produção cultural de um povo ou de uma nação e que, para exercerem essa tarefa, não podem ser “contaminados por interferências políticas ou comerciais”. Podemos afirmar, assim, que a televisão educativa deve, acima de tudo, ter parâmetros diferentes dos utilizados na televisão dita comercial, primando o critério de qualidade sobre o da audiência.

2.3. Televisão e Escola – dois mundos opostos? O papel da Educação para os *Media*

No ano de 1997, Hervé Bouges, presidiu ao fórum internacional de Paris, num encontro que reuniu mais de 200 investigadores, de vários países, para a discussão de questões que se baseavam na relação entre os jovens e os *media*. Nesse encontro, assumiu-se que “a escola e a universidade falharam o seu primeiro encontro da formação dos jovens com a comunicação de

massas (...) sendo que a televisão nem sempre fez o melhor uso do seu formidável poder de difusão”. Por outro lado, Hervé colocou a fulcral questão: “com o desenvolvimento dos programas interactivos e do multimédia, com os primeiros êxitos dos canais educativos e do conhecimento, pelo mundo fora uma nova oportunidade vai ser dada ao pequeno ecrã (...) será que a vai conseguir aproveitar?” (Ponte, 1998:75).

Alguns autores salientam a existência de uma relação antagónica entre a escola e a TV (Delors, 1996): num lado temos a escola, que acusa a TV de transmitir violência, de explorar os sentimentos, tirando aos alunos tempo ao estudo, à leitura e ao espírito crítico; no lado oposto, os meios de comunicação social, que acusam a escola de transmitir saberes desactualizados, com métodos rotineiros, levando os alunos ao desinteresse e à desmotivação. Outros autores, ainda, apontam que a cisão professores/TV é uma consequência da relação professores/alunos, assumindo que a “forma de a maior parte dos professores organizar a informação é sequencial, abstracta e erudita, enquanto que, os alunos que vêem muita televisão e navegam muito na internet pensam de forma mais sensorial, concreta, (...) multimídica e linkada (...)” (Moran, 2010:98).

A verdade é que se ultrapassou há muito tempo a teoria do modelo mecânico e iluminista do ensino, em que o aluno é meramente um “receptor passivo” de informação. Sabe-se hoje que o aluno é um “receptor activo”, que interpreta imagens, experiências e valores, sendo esse um dos principais motivos pelos quais um professor não pode ignorar a informação que a TV fornece. A escola precisa de observar o que está a acontecer nos meios de comunicação social, os professores devem discutir os conteúdos dos programas televisivos com os alunos, devem fazer “(re)leituras” dos mesmos, devem partir da visão dos alunos, “repassando” a informação, de forma a preparar os jovens para consumir com selectividade e criatividade a televisão.

Contudo, o professor não pode esquecer que, mesmo que os conteúdos sejam pedagogicamente ricos, a televisão nunca o pode substituir, devendo apenas funcionar como uma ferramenta auxiliar na sala de aula.

3. Procedimentos metodológicos da pesquisa



Para além da revisão bibliográfica que marcou a primeira parte do trabalho, foi utilizada metodologia do tipo *survey descritivo e exploratório* (Coutinho, 2005), tendo por base a realização e aplicação de um inquérito a jovens alunos, com o objectivo de obter dados referentes aos padrões comportamentais televisivos dos adolescentes.

O conteúdo do inquérito foi validado junto de peritos e foi feita a testagem junto de público-alvo para aferir da compreensibilidade. O processo de recolha de dados teve várias fases: o pedido de autorização à Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

(DGIDC), que aprovou e autorizou a sua distribuição; o pedido de autorização ao presidente do conselho executivo da escola; a marcação das datas e horas específicas para a sua distribuição; o seu preenchimento nos dez minutos iniciais de cada aula previamente definida; a recolha, organização e tratamento dos dados no programa informático Statistical Package for the Social Sciences (SPSS); a detecção de possíveis erros de preenchimento; a análise quantitativa e qualitativa de cada variável isoladamente; a análise bivariada de relações entre duas ou mais variáveis e, por fim, a apresentação dos dados.

4. Apresentação dos resultados

Antes da exposição dos resultados, apresenta-se a população e a amostra do estudo por ano de escolaridade, por idade e por género (Quadro I). Sendo que para uma população de 1.028 alunos, a amostra foi constituída por 177 alunos, tendo maior representatividade no 11º ano (65,5%), entre os 16 e 17 anos (62,2%) e do sexo feminino (66%).

QUADRO I									
Ano de escolaridade, idade e género dos alunos									
Escolaridade		Idade						Género	
Ano	Alunos	15	16	17	18	19	20		
10º	27,6%	12%	31,24%	31%	13%	1,1%	1,1%		
11º	65,5%	*A amostra foi de 177 alunos, para uma população de 1028 alunos (total de alunos da escola a frequentarem o regime normal e diurno).						66%	34%
12º	6,7%								

4.1. TV em casa e TV no quarto

De acordo com a figura 1, podemos observar que 80% tem televisão por cabo/satélite em casa, enquanto que 20% tem apenas os canais generalistas. Do mesmo modo, verifica-se que 49% dos alunos possui televisor no quarto (fig. 2), sendo que 28% dos alunos tem 3 televisões em casa.

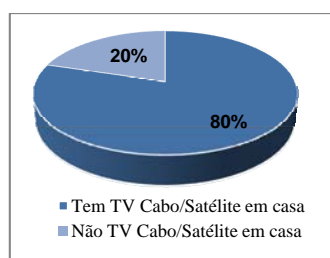


Fig. 1 Alunos que têm TV Cabo/Satélite em casa

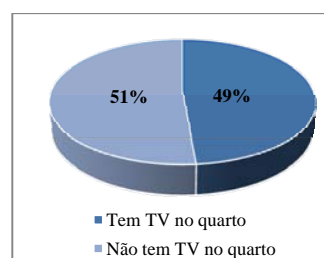


Fig. 2 Alunos que têm televisor no quarto

4.2. Ocupação dos tempos livres

O Quadro II retrata uma comparação entre o tempo diário que os alunos dedicam a ver TV e a realizar outras actividades, de 2ª a 6ª feira. Das actividades mais realizadas durante os dias da semana destaca-se fortemente *ver televisão*, com uma média/dia de cerca de 140 minutos.

QUADRO II

Tempo diário que os alunos dedicam à realização de actividades à semana por género

ACTIVIDADES	NÃO REALIZA	MINUTOS						
		1-60	61-120	121-180	181-240	241-300	301-360	361 ou +
1. VER TV	11%	76%	50%	24%	18%	9%	5%	8%
2. ESTUDAR/TPC'S	30%	110%	40%	14%	3%	3%	-	-
3. LER	86%	80%	14%	5%	1%	4%	-	1%
4. PRATICAR DESPORTO	37%	74%	53%	21%	8%	1%	1%	5%
5. TAREFAS DOMÉSTICAS	75%	106%	14%	3%	-	2%	-	-
6. BRINCAR/SAIR AMIGOS	52%	52%	51%	22%	13%	7%	1%	2%
7. JOGAR PC/ NET	15%	67%	62%	24%	2%	3%	1%	8%

4.3. Canais e programas mais vistos

De acordo com a fig. 3 é possível verificar que o canal que mais alunos gostam de ver é o canal privado que passa no serviço cabo/satélite, *Fox* (20,9%), em segundo lugar os dois canais nacionais a *SIC* e a *TVI* (14,7%).

A figura 4 mostra o programa mais visualizado pela amostra, sendo que se destaca, com 7,3%, a série animada americana *The Simpsons* (passa actualmente no “Fox” e no nacional “RTP2”); com 6,21 %, a série televisiva *Grey's Anatomy* (série norte americana exibida em Portugal nos canais *Fox Life* e *RTP2*) e com 5%, a série nacional *Morangos com Açúcar* (série nacional transmitida, desde 2003, pelo canal *TVI*).

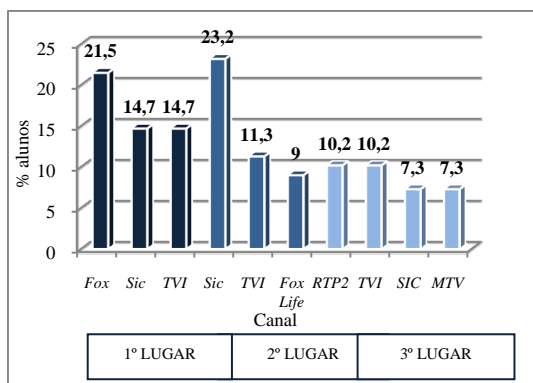


Fig. 3 Canal mais visualizado em 1º, 2º e 3º lugar pela população inquirida.

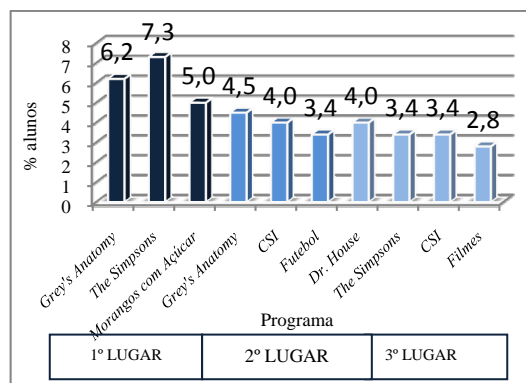


Fig. 4 Programa mais visualizado em 1º, 2º e 3º lugar pela população inquirida

4.4. Qualidade da programação

Relativamente à opinião acerca da qualidade da programação dos canais nacionais foi possível observar, que ao canal *RTP1* é atribuída a classificação: 45,2% “razoável”; 18% “bom”; 3,4% “excelente”; 23,7% “mau” e 10,2% “péssimo.” Ao canal *RTP2*: 40% “razoável”; 18% “bom”; 6,8% “excelente”; 12,4% “péssimo” e 20,3% “mau”. Ao canal *SIC*: 46,3% “bom”; 36,2% “razoável”; 2,4% “excelente”; 6,2% “péssimo” e 8,5% “mau”. Por último, o canal *TVI*: 35,6% “bom”; 27,1% “razoável”; 12,4% “excelente”; 12,4% “mau” e 13,6% “péssimo” (fig. 5).

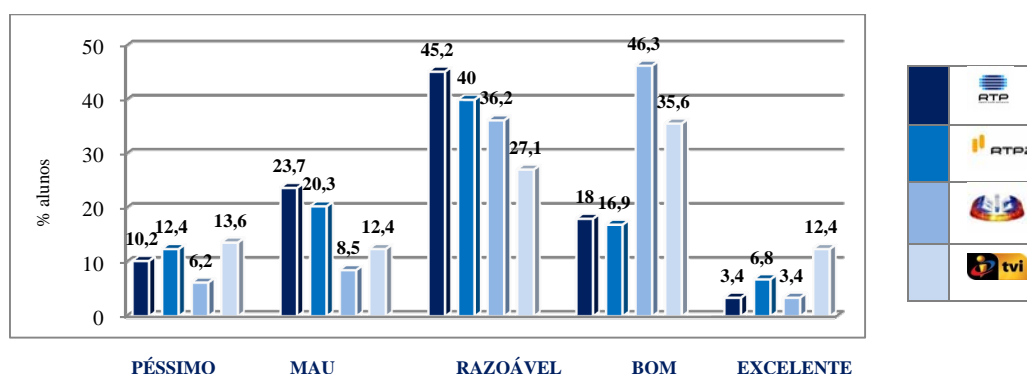


Fig. 5 Análise comparativa da opinião acerca da programação transmitida pelos quatro canais nacionais

4.5. Programação educativa

Nesta variável, 93% da amostra participante referiu conhecer canais que transmitem programação educativa, no entanto, os canais mais referidos foram o nacional *RTP2* (37%); o *Discovery Channel* (6,8%); e a *RTP1* e *SIC* (4,5% cada).

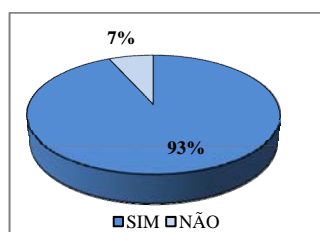


Fig. 6 Opinião dos alunos acerca do conhecimento de canais que transmitem programação educativa

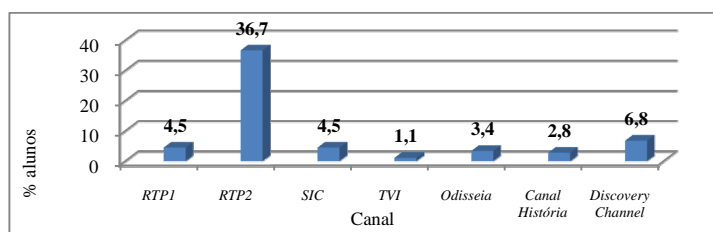


Fig. 7 Canais, que na opinião dos inquiridos transmitem programas educativos

4.6. Mudanças para a TV

Na última questão, os inquiridos puderam dar a opinião acerca das mudanças que fariam nos canais de televisão portugueses. Analisando os três primeiros lugares vemos que: 37,2% referiu “não mudaria nada”; 23,1% “reduziria o número de telenovelas” e 12,4% “reduziria a publicidade” (fig. 8).

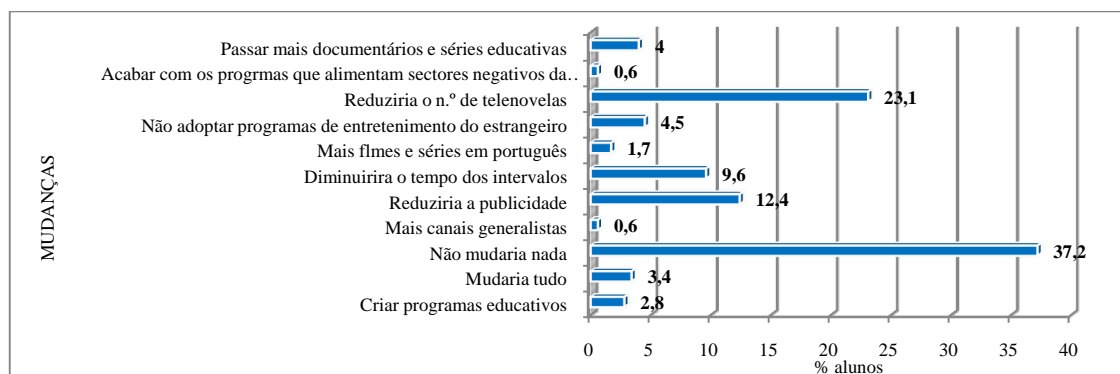


Fig. 8 Opinião geral dos inquiridos acerca do que mudariam na programação dos canais de televisão nacional

5. Considerações finais

Realizado o estudo, expõem-se as considerações finais, expostas em dois pontos distintos:

1. Existem imensas teorias que apresentam profundas críticas acerca do que é aprendido através da televisão, acusando-a de transmitir violência e tirar tempo ao estudo. Mas a verdade, é que a TV pode ser uma ferramenta capaz de auxiliar o professor nas suas aulas. Para tal, não se pode descurar o facto de que é imprescindível que os professores façam (re)leituras dos programas com os seus alunos, discutindo com estes as problemáticas dos programas e ajudando-os a perceber as diferentes abordagens transmitidas pela TV.

Mas como serão os hábitos televisivos dos jovens de hoje?

2. Com a aplicação do inquérito foi possível perceber que cada adolescente tem, em média, 3 televisões no seu lar. Da mesma forma, podemos observar que: *ver TV* é a actividade que os adolescentes realizam durante mais tempo no seu dia-a-dia: numa média de 3, 4 ou 5 horas/dia, enquanto que o tempo dedicado a outras actividades é quase sempre inferior a 1 hora e que 80% dos jovens tem TV cabo/satélite em casa, sendo o canal *Fox* o mais visualizado.

Concluindo, podemos afirmar que os filmes e as séries são os programas que os adolescentes mais gostam de ver, sendo os programas educativos o género menos visto, e apesar de a maior parte dos jovens classificar como “razoável” a programação transmitida pelos canais *RTP1* e *RTP2*, 37% referiram que não mudariam nada na televisão nacional.

Referências bibliográficas e websites

- Burke, R. (1974). *Televisão Educativa: uma nova e arrojada aventura*. São Paulo: Cultrix.
- Carneiro, V. (2008). *Programas educativos na TV - Conteúdo pedagógico adequado à narrativa televisual e à fantasia, para uma programação infantil divertida e inteligente*. Brasília: Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
- Coutinho (2005). *Percursos da Investigação e Tecnologia Educativa*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia.
- Delors, Jackes *et al* (1996). *Educação: um tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Porto. Edições Asa.
- Fischer, R. (2005). Educação, subjetividade e cultura nos espaços midiáticos. *Cadernos Temáticos: multimeios e informática educativa*. Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Leal Filho, L. (1997). *A melhor TV do mundo*. São Paulo: Summus.
- Moran, J. (2010). *Desafios da televisão e do vídeo à escola*. TVE Brasil.
<<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/tedh/tedhtxt2b.htm>>
- Pacheco, Elza Dias (1991). *Comunicação, Educação e Arte na cultura infanto-juvenil*. S. Paulo: Loyola.
- Ponte, C. (1998). *Televisão para Crianças: o direito à Diferença*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.